

1

A literatura gaúcha contesta o regime militar: uma análise interpretativa do romance *Os Tambores Silenciosos* de Josué Guimarães¹

Vanessa dos Santos Moura
Mestranda UFRGS

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo analisar alguns aspectos do romance *Os Tambores Silenciosos* (1977), de Josué Guimarães, relacionados ao posicionamento crítico do escritor gaúcho frente à implementação do regime militar no Brasil no ano de 1964. A partir de bibliografia selecionada sobre “campo intelectual” e o papel do intelectual na sociedade contemporânea, pretende-se compreender parte do pensamento político-intelectual do romancista e, com isso, colaborar no preenchimento de um espaço existente nos estudos acerca da ditadura militar no Rio Grande do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: *Os Tambores Silenciosos* – Intelectuais gaúchos – Ditadura Militar

I. Apresentação:

O presente artigo apresenta considerações iniciais e concisas sobre a atividade intelectual do renomado romancista e jornalista Josué Guimarães. O objetivo é analisar alguns aspectos centrais de seu romance *Os Tambores Silenciosos*,² publicado no ano de 1977 pela Editora Globo. A partir desta obra específica, pretende-se compreender parte do pensamento político-intelectual do escritor.

Este artigo compõe-se de quatro partes: esta pequena apresentação; contextualização da trajetória do escritor, desde sua eleição como vereador em 1951 até 1975, quando escreve *Os Tambores Silenciosos*; breve análise do romance e conclusões parciais.

II. Contextualização da trajetória

Em meados da década de 1970, momento em que não só a sociedade brasileira vivia sob uma ditadura militar, mas em que regimes deste tipo eclodiam em diversos países da América

¹ O presente artigo integra uma pesquisa mais ampla, em fase inicial, intitulada *A literatura gaúcha contesta o regime militar: uma análise das trajetórias político-intelectuais de Erico Verissimo e Josué Guimarães*.

² GUIMARÃES, Josué. *Os Tambores Silenciosos*. Porto Alegre: L&PM, 1977.

2

Latina, Josué Guimarães escreveu o romance *Os Tambores Silenciosos*,³ obra que contesta o autoritarismo dos militares.

Para compreender esta obra especificamente e, num quadro mais amplo, o pensamento político-intelectual de Josué, é necessário retornar à década anterior ao golpe, quando ele se firmou como político, para que se possa perceber a sua inserção no meio intelectual, bem como o contexto de publicação do referido romance.

Nas eleições do ano de 1951, por influência de Alberto Pasqualini, Josué Guimarães, que a essa altura já possuía uma carreira jornalística consolidada, decidiu concorrer ao cargo de vereador pelo Partido Trabalhista Brasileiro, o PTB. Foi um dos mais votados e assumiu como líder da bancada petebista, licenciando-se das sucursais dos periódicos *O Cruzeiro* e *Diário de Notícias*, nos quais trabalhava como jornalista. A militância dentro do PTB pôs Josué em contato com os grandes nomes da política regional, como Leonel Brizola, e nacional, como Getúlio Vargas.

Em 1952, quando Getúlio Vargas havia retornado ao poder através de eleições democráticas, Josué foi convidado a integrar a primeira delegação de brasileiros a entrar na União Soviética. Em um de seus depoimentos, Josué comentou a viagem:

Achei melhor perguntar ao presidente Getúlio Vargas se não haveria inconveniente em que eu, líder da bancada do PTB, fosse à Rússia. Ele achou que não havia problema nenhum e, como os russos só pagavam a passagem a partir de Praga, falou com o Samuel Wainer, que me nomeou correspondente internacional da *Última Hora* e me deu Cr\$ 40 mil para as despesas.⁴

Nesta mesma viagem, Josué conheceu a China Continental, sendo o primeiro jornalista do mundo ocidental a entrar na China maoísta:

Após as conferências na Rússia, eu fui convidado para ir à China Continental. E fui o primeiro jornalista ocidental que entrou lá depois que Mao Tse Tung assumiu o poder. Em 1952, visitei toda a China, que ainda estava um pouco atrasada – eram os russos que estavam construindo tudo lá.⁵

³ A partir de agora, o romance *Os Tambores Silenciosos* será referido pela sigla OTS.

⁴ INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, *Josué Guimarães: Escrever é um ato de amor*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2006, p. 10.

⁵ Idem, *ibidem*, p. 10.

Desta viagem, surgiu o livro recentemente publicado intitulado *As Muralhas de Jericó*.⁶ Pouco depois do retorno, Josué rompeu com o PTB devido a divergências quanto à sua atuação. No mesmo depoimento, Josué diz:

Na volta para o Brasil, depois de contar tudo ao Doutor Getúlio (...) decidi fazer uma série grande de conferências, junto com o Cândido Norberto (jornalista, ex-deputado gaúcho), que também havia visitado a União Soviética. Mas o Brizola, chefe do partido, achou que eu não deveria fazer essas conferências e me destituiu da liderança da bancada. Assim, rompi com o PTB e ingressei no PS, Partido Socialista.⁷

O rompimento com o partido não significou o fim da relação com Brizola. Menos de uma década depois, durante a Campanha da Legalidade, Josué ficaria ao lado dos legalistas, liderados por Brizola – então governador do Rio Grande do Sul – na defesa da posse de João Goulart. Josué desempenhou um papel político bastante ativo neste período, pois era um dos braços direitos de Brizola e foi designado por ele próprio para montar uma estação de rádio clandestina no Rio de Janeiro. Sobre este episódio, Josué diz:

Logo após a renúncia do Jango, o Brizola mandou me chamar, nós entramos no Palácio Piratini e demos início à Legalidade. No dia seguinte, ele me deu Cr\$ 10 mil e me mandou para o Rio montar uma estação [de rádio] clandestina, para informar o que estava acontecendo lá. (...) De Petrópolis, avisei para o Brizola que o porta-aviões Minas Gerais havia zarpado rumo ao Sul. Toda a polícia andava à cata de um tal Samuel, meu pseudônimo.⁸

A oposição à posse de João Goulart continuou ativa durante o período de seu governo, exercida, sobretudo, por militares. A situação ficou crítica quando, no dia 13 de março de 1964, Jango discursou na Central do Brasil para aproximadamente 150 mil pessoas. Neste discurso, ele prometeu a nacionalização de refinarias de petróleo e a desapropriação de terras, visando fazer a

⁶ GUIMARÃES, Josué. *As Muralhas de Jericó. Memórias de viagem: União Soviética e China nos anos 50*. Porto Alegre: IEL/L&PM, 2001.

⁷ INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, *ibidem*, p. 10.

⁸ *Idem*, *ibidem*, pp. 10-11.

4

reforma agrária. Não demorou muito para que os militares entrassem em ação e o derrubassem do poder: apenas 18 dias após o comício supracitado.

A implementação da ditadura militar de 1964 é um dos grandes marcos na história do Brasil. A partir do golpe e da conseqüente tomada do poder pelos militares, as relações econômicas, políticas, sociais e culturais brasileiras foram profundamente alteradas. Num primeiro momento, que vai do golpe e estende-se até dezembro de 1968, os militares focaram-se na repressão dos “movimentos mais organizados, através de prisões e cassações de direitos políticos”, deixando “relativamente livre a esfera da produção cultural e científica”.⁹

A partir de 1968, iniciou-se o período mais repressivo da ditadura, que se estendeu até o fim do governo Médici e ficou conhecido como os “Anos de Chumbo”. Com o AI-5,

a censura foi dotada de mais instrumentos legais e institucionais para uma triagem ideológica da produção cultural, científica e artística; lideranças políticas foram exiladas; publicações consideradas subversivas foram recolhidas das estantes das livrarias e das bibliotecas; movimentos estudantis e populares foram duramente reprimidos; limitaram-se de forma bastante intensa os canais de acesso de intelectuais e artista ao público.¹⁰

Segundo o depoimento do Nydia Guimarães, viúva do escritor, no momento do golpe, Josué encontrava-se em Recife. Ela diz:

(...) quando deu 64, o Jua [Josué] estava em Recife com [Miguel] Arraes. (...) O Josué tentou convencer Arraes a organizar uma resistência, mas não tinham armas, não tinham bala, não tinha coisa nenhuma no Palácio. Daí Jango telefonou para o Arraes. O Jua pediu para falar com ele e o Jango levou o maior susto quando viu que o Jua estava lá. Disse: “O que que você está fazendo aí? Venha embora imediatamente, saia já daí.” Eu não sei o que aconteceu, mas ele conseguiu vôo e passagem para o Jua, o Bernardi e a mulher. Cai um temporal em Recife, todas as ruas ficam alagadas, um horror para ir ao aeroporto. Não sei em quantas barreiras pararam o carro, perguntando quem era. Quando dizia que era o Josué, eles mandavam seguir. Afinal, pegaram o avião, mas era dia

⁹ ROSA, Michele Rossoni. *O pensamento de esquerda e a revista Civilização Brasileira (1965-1968)*. Porto Alegre, 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 08.

¹⁰ Idem, *ibidem*, pp. 08-09.

primeiro de abril de 64, greve geral, não tinha ninguém no aeroporto do Rio, não tinha carro, não tinha táxi, não tinha ônibus, não tinha nada.¹¹

Como podemos observar no depoimento de Nydia, desde os primeiros momentos após o golpe, a situação de Josué mostrou-se bastante delicada. Por ter trabalhado para o governo de Jango – foi diretor-geral da Agência Nacional (atual Empresa Brasil de Comunicação) –, este período inicial de repressão o atingiu profundamente. A antiga militância no PTB o pôs numa situação ambígua: por um lado, os laços de amizade que mantinha com Brizola e Jango o tornou um alvo para os militares; em contrapartida, o contato com estas grandes figuras lhe deu vantagens nas ocasiões em que precisou fugir, permanecer clandestino e exilar-se.

Após uma série de fugas, passou a viver na clandestinidade em Santos sob o pseudônimo de Samuel Ortiz, o mesmo utilizado no período da Legalidade. Apesar do cuidado, em 1969 acabou sendo descoberto pelos órgãos de segurança, respondendo a inquérito em liberdade. Neste mesmo ano, incentivado pela esposa, inscreveu três contos no Concurso de Contos do Estado do Paraná, os quais foram premiados e marcaram a entrada do escritor no universo da ficção.¹²

O segundo momento da ditadura militar, pós-AI-5, foi igualmente penoso para Josué, agora também na qualidade de escritor. Devido às condições pouco favoráveis para a produção de cultura no Brasil, em 1974 Josué embarcou, juntamente com a esposa Nydia e o filho Rodrigo, rumo a Portugal como correspondente da Empresa Jornalística Caldas Júnior.¹³ Cobriu jornalisticamente a Revolução dos Cravos e a conseqüente descolonização da África através do semanário *Chaimite*, do qual saíram dez edições.

No ano de 1975, ainda em Portugal, escreveu *OTS*, uma alegoria do tempo presente da sociedade brasileira. Apesar de ambientada em 1936, é à ditadura militar de 1964 que faz

¹¹ MORGANTI, Vera Regina. *Confissões do amor e da arte*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994, pp. 65-66.

¹² Como se pode perceber, Josué iniciou-se na vida literária tardiamente, tendo publicado seu primeiro romance em 1972, aos 52 anos. Seu primeiro livro foi *Os Ladrões* (Editora Forum), 1970, uma reunião de contos – entre os quais o conto que dá nome ao livro – premiado no referido Concurso de Contos do Estado do Paraná. Seu romance de estréia é o primeiro volume da trilogia inacabada *A Ferro e Fogo I (Tempo de Solidão)*, publicado pela Sabiá – José Olympio, em 1972. Informações extraídas de GUIMARÃES, Josué. *A Ferro e Fogo I (Tempo de Solidão)* 12 ed. Porto Alegre: L&PM, 1998.

¹³ É importante salientar que Josué não foi para Portugal na condição de exilado; sua viagem consistiu num auto-exílio.

6

referência. A obra, ganhadora do 1º Prêmio Erico Verissimo, constitui-se num dos melhores exemplares de literatura combativa ao regime.

O quadro histórico brevemente esboçado até então, que vai desde as eleições de 1951, passando pelo período da Legalidade e do golpe militar, até 1975, quando Josué vai para Portugal, consiste na referência sobre a qual será interpretada a obra OTS.

III. Análise de *Os Tambores Silenciosos*

Esta terceira parte do artigo, em que se pretende dar conta de analisar alguns aspectos considerados relevantes da obra OTS, é norteada pelo conceito de “campo intelectual”, que será discutido brevemente.

O conceito de “campo intelectual”,¹⁴ método proposto pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu para a análise dos campos de produção cultural e de suas obras, é imprescindível para compreender a atuação de Josué no combate à ditadura. Para o bom entendimento de uma obra, deve-se extrapolar as suas articulações internas (o “discurso”) e tentar perceber, conjuntamente, as externas. Estas “articulações externas” aos textos referem-se ao que Bourdieu chamou de “campo” de produção da obra, à sua conjuntura histórica:¹⁵

As sociedades são constituídas por vários campos distintos, esferas relativamente independentes, cada uma com valores particulares, regras internas e princípios de funcionamento próprios. Todo campo – da arte, intelectual, etc. – é permeado e reflete de forma específica e parcialmente autônoma as relações econômicas e políticas de determinado contexto, desenvolvendo, nessa interação, características peculiares. Nos estudos acerca do campo intelectual, por exemplo, deve-se buscar delimitar e compreender as particularidades inerentes ao funcionamento específico do campo, associando-as aos processos contextuais mais amplos, mas como um sistema produtivo relativamente independente.¹⁶

O conceito de campo é útil na medida em que Bourdieu levou em consideração a ação dos artistas na formulação das regras do campo literário, analisado através do estudo da interação

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

¹⁵ RODRIGUES, Helenice. *Fragmentos da história intelectual: Entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papirus, 2002, p. 12.

¹⁶ ROSA, *ibidem*, p. 16.

7

do escritor gaúcho com a estrutura social do contexto do regime militar, percebendo sua obra não somente como produto de um agente escritor, mas também como fruto de uma realidade extratextual.

Conforme foi apurado até então, no que tange ao estudo da obra *OTS*, um território que até agora se encontrava inexplorado era o do debate histórico.¹⁷ *OTS*, como mencionado anteriormente, é ambientado no ano 1936, mas refere-se à ditadura militar vigente no Brasil no momento de escritura da obra. De acordo com Regina Dalcastagnè,

localizar a história na década de 1930 é uma evidente maneira de escapar à censura, mas também uma exigência da própria narrativa. O isolamento de Lagoa Branca [cidade fictícia onde se desenrola o romance] seria prejudicado pela existência de meios de comunicação mais desenvolvidos, notadamente o telefone e a televisão.¹⁸

A obra inicia com uma epígrafe bastante elucidativa da história que será contada:

Nós somos os homens ocos,
os homens estofados,
escorados uns nos outros,
a cabeça cheia de palha.¹⁹

Tratam-se dos versos de T. S. Eliot, retirados de *The Hollow Men* [Os Homens Ocos, de 1925]. Os “homens ocos” a que Eliot se refere são as pessoas vazias de conteúdo. São os espectadores curiosos, covardes, fúteis, com medo de agir e preocupados unicamente com seus interesses. É a história desses “homens ocos” que Josué narrará.

Com base nos fatos políticos da década de 1930, que envolvem, sobretudo, a figura de Getúlio Vargas, há a satirização dessa política e a “associação com os problemas de semelhante

¹⁷ As obras de Josué Guimarães foram pesquisadas na área das Letras e Jornalismo, mas muito pouco pelos historiadores. Até o presente momento, não foi encontrado nenhum trabalho na área da História dedicado à compreensão da sua obra ou sua biografia; seu nome é apenas mencionado em estudos acerca da literatura produzida durante o período militar, que lhe dedicam algumas poucas linhas.

¹⁸ DALCASTAGNÈ, Regina. *O espaço da dor: o regime de 64 no romance brasileiro*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, p. 93.

¹⁹ GUIMARÃES, *ibidem*, p. 1.

8

teor que ocorrem no Brasil após o ano de 1964”.²⁰ A chacota dá-se principalmente através da personagem Coronel João Cândido Braga Jardim, prefeito da cidade de Lagoa Branca. Atribuindo a si a tarefa de decidir o que é “bom” e o que é “mau” para os habitantes da cidade, “o coronel exerce uma política implacável que vai da censura absoluta dos meios de comunicação social até a imposição de uma declarada ditadura”.²¹

Josué construiu, através da figura do prefeito, um discurso que dava sustentação e legitimidade às ações repressivas. Há a figura do “inimigo interno”, a “ilha de tranquilidade”,²² a censura à imprensa periódica, a “operação limpeza”,²³ torturas, perseguições, arbitrariedades das mais variadas formas. Como afirma Castagnè,

defendendo a família, a tradição e a propriedade, sempre com respaldo de eméritos cidadãos integralistas, o prefeito instala na cidade um sólido sistema de repressão, que se baseia não só no ocultamento dos fatos, como também na formulação de um discurso que justifique seus procedimentos. Assim, a censura aos jornais de fora, a apreensão de aparelhos de rádio e mesmo a violação de correspondência não acontecem para evitar a livre circulação de idéias nem para impedir que as autoridades estaduais tomem conhecimento do que se passa em Lagoa Branca, mas para preservar a boa gente do lugar da contaminação pelas más notícias.²⁴

Já no início do romance podemos perceber o confisco, por parte da prefeitura, dos jornais e dos aparelhos de rádio:

– O trem acaba de chegar – disse Maria Celeste para as irmãs – seu Valério já deu de mão nos amarrados do *Correio do Povo* e do *Diário de Notícias* e o

²⁰ SANTOS, Volnyr Silva. *Discurso e ideologia em Josué Guimarães*. Porto Alegre, 1983. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, p. 85.

²¹ Idem, ibidem, p. 85.

²² O prefeito sonha com a “ilha de tranquilidade” que, na época da publicação do romance, era o reclame institucional da ditadura. Extraído de GONZAGA, Sergius. A vitória do realismo. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (org.). *Josué Guimarães: o autor e sua ficção*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/PUCRS, 1997, p. 112.

²³ A “operação limpeza” de OTS é relativa ao extermínio e ocultação os corpos dos mendigos e dos jovens estudantes de Lagoa Branca.

²⁴ É interessante a observação de Dalcastagnè, que põe em paralelo a “boa vontade” do prefeito João Cândido para com os habitantes de Lagoa Branca (na busca pela aprovação) com o presidente Emílio Garrastazu Médici – que proferiu as seguintes palavras: “Gostaria que o meu governo viesse, afinal, a receber o prêmio de popularidade, entendida no seu legítimo e verdadeiro sentido de *compreensão do povo*. Mas não pretendo conquistá-la, senão com o inalterável cumprimento do dever”. Dalcastagnè diz que “dentro dessa mesma linha de pensamento, o prefeito de Lagoa Branca acreditava estar “cumprindo seu dever”, ainda que prendendo e torturando para alcançar esse objetivo”. Extraído de DALCASTAGNÈ, ibidem, p. 97.

sabujo do Paulinho Cassales trata de carregar os jornais para o Ford da Prefeitura e assim ninguém mais lê jornal nessa terra e além disso lá se foi o nosso rádio *Polyson* da *Crosley* e como diabo vai a gente saber das coisas com esses decretos do Coronel João Cândido?²⁵

O enredo de *OTS*, construído com alegorias do realismo fantástico, inicia contando pequenas histórias privadas que, ao serem tomadas como um todo, transformam-se em um pesadelo. A opressão começa a invadir todos os espaços da cidade, tanto públicos quanto privados, envolvendo a vida de todos os cidadãos de Lagoa Branca. Especialmente a juventude sofre com os mandos e desmandos do prefeito:

Tentando contrabandear alguma notícia – roubando um jornal antes que ele seja devorado pela sanha inquisidora do prefeito, escondendo um pequeno rádio no quintal de casa ou mesmo escrevendo cartas a parentes de outras cidades – os jovens de Lagoa Branca acabam sendo presos e torturados, “para aprenderem a respeitar a lei”.²⁶

A narração do livro fica a encargo de seis mulheres,²⁷ as irmãs Pilar. As Pilar são sete irmãs solteiras, filhas de Juvêncio Pilar e D. Eurídice Travassos Pilar,²⁸ que moram em um dos pontos mais altos da cidade. Donas de uma localização estratégica e através do velho binóculo herdado do pai (cujas lentes estão repletas de fungos, mas que elas recusam a mandar arrumar por medo que o prefeito o confisque), elas enxergam praticamente tudo o que se passa na cidadezinha – “das pequenas traições conjugais até as misteriosas prisões e batidas policiais”.²⁹ Sobre as misteriosas prisões, há um diálogo entre duas das irmãs Pilar bastante revelador:

²⁵ GUIMARÃES, *ibidem*, p. 1.

²⁶ DALCASTAGNÈ, *ibidem*, p. 94.

²⁷ Segundo a análise de Cláudia Lukaszczyk, “várias vozes concorrem, complementando-se umas às outras, para constituírem o relato. A voz dominante é a de um narrador onisciente, que se situa acima do espaço e do tempo da diegese, a fim de relatar os eventos que a constituem. Todavia, ele permite que à sua voz se somem outras, das personagens”. Destas “outras vozes”, merecem destaque as vozes das irmãs Pilar – que “fornecem importantes subsídios para o relato das ocorrências sob sua face externa e aparente”. Extraído de LUKASZCZYK, Cláudia. *A representação da ideologia no romance Os Tambores Silenciosos*. Porto Alegre, 2001. Dissertação (Mestrado em Letras), – Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. pp. 56-57.

²⁸ As irmãs Pilar são sete, porém, apenas seis narram a história. A sétima irmã, a mais nova, não se envolve na observação de Lagoa Branca pelo binóculo. Entretanto, possui um papel fundamental na história, pois ela é quem confecciona os pássaros que, no desenrolar da narrativa, tomarão conta da cidade.

²⁹ DALCASTAGNÈ, *ibidem*, p. 94.

Maria Madalena perguntou: desapareceram? [se referindo aos jovens estudantes] e como pode uma pessoa desaparecer assim sem mais nem menos, como bolha de sabão? Maria de Jesus fez um ar de esperta: ora, sabe como é, a mãozinha do inspetor aqui, o dedo do capitão ali, o tenente na delegacia se fazendo de ausente e vai daí as galenas vão sendo recolhidas aqui e ali e junto com elas os meninos e sabe lá Deus se não estão enfiando essas crianças na cadeia como criminosos.³⁰

As irmãs, que na maior parte da sua narração parecem indicar que as arbitrariedades já viraram uma rotina, descrevem a vida dos “homens ocos” a que Josué se referiu com sua epígrafe.³¹

Além dos olhos das Pilar, existem outros que observam Lagoa Branca – os olhos dos pássaros negros de peito vermelho que invadem a cidade repentinamente. Como referido na nota 28, as aves são confeccionadas com maestria pela mais nova das irmãs que, paradoxalmente, é cega. Empoleirados nos mais diversos lugares, como nos fios telegráficos, telhados, postes, árvores, eles apavoram, principalmente, as figuras poderosas da cidade. Os pássaros negros, que no livro aparecem poucas vezes identificados como “urubus”, simbolizam um mau presságio.³² Talvez o fato de urubus se alimentarem de carniça possa ser uma metáfora explicativa da decomposição moral daquela sociedade. Uma terceira hipótese acerca da presença das aves é a de que os pássaros negros em geral simbolizam o luto, e os habitantes de Lagoa Branca, um microcosmo do Brasil, estariam de luto pela morte da democracia.

A narrativa se desenvolve ao longo de sete dias, do dia primeiro ao dia sete de setembro, ou seja, do início ao término das comemorações da Semana da Pátria. Ansiosamente aguardada pelo prefeito, “a festa do dia da pátria serviria também para a legitimação do poder municipal”.³³ Entretanto, as expectativas do prefeito não são correspondidas na medida em que a população, indignada, não comparece ao desfile dos integralistas: “Se para as autoridades lagoenses o Sete de Setembro seria um momento de comunhão popular, para o povo a festa mantinha a sua verdadeira face, era a confirmação de um regime autoritário, que tolhia os passos e ameaçava

³⁰ GUIMARÃES, *ibidem*, p. 159.

³¹ Mas também se refere às irmãs Pilar como partícipes deste grupo de “homens ocos”, já que elas parecem atuar como uma “consciência da cidade”, sabem muito a respeito da vida alheia, mas vivem enclausuradas em casa, com pouquíssimo contato com o mundo exterior.

³² É interessante observar que o mesmo recurso alegórico (uma invasão de pássaros) foi utilizado por Erico Verissimo em seu romance *Incidente em Antares* e por José J. Veiga em *Sombra de Reis Barbudos*, ambos romances publicados durante o período da ditadura militar.

³³ DALCASTAGNÈ, *ibidem*, p. 97.

11

seus filhos”.³⁴ A presença agourenta dos pássaros negros é reforçada pelos bilhetes deixados pelos jovens nas soleiras das portas das casas na noite do dia seis de setembro. Nestes, havia uma convocação para o boicote aos desfiles.

Lagoa Branca amanhece no dia sete de setembro com o céu tomado por nuvens carregadas e por bandos enormes dos referidos pássaros negros. O boicote promovido pela juventude lagoense se confirma e o povo não comparece às comemorações. Somente os integralistas, trajados com suas “camisas verdes”, desfilam. Misteriosamente, o rufar de seus tambores não é ouvido. Desesperado, o coronel João Cândido retorna à prefeitura para descobrir com seus assessores o que estava acontecendo; estes resolvem contar a verdade sobre as prisões, torturas e mortes levadas a cabo em nome da prefeitura. Perturbado, o coronel suicida-se.

Josué construiu OTS de modo a criticar a sociedade brasileira e o regime militar de uma forma bastante incisiva. Por ser escrito num período em que esse regime ainda vigorava, não oferece respostas, mas sim indagações. Seu objetivo é questionar e denunciar as atrocidades do autoritarismo. OTS não se situa “fora desse mundo para narrá-lo de algum ponto privilegiado, como fazem as irmãs Pilar do alto de seu sobrado”, mas constitui-se “no interior dos seus conflitos, interagindo com eles”.³⁵

A empreitada intelectual de Josué Guimarães de refletir sobre a situação política nacional, não iniciou contemporaneamente à sua atividade como ficcionista: ela é anterior. Por possuir uma orientação política de esquerda, Josué Guimarães entrou em contato com um campo político-intelectual crítico da sociedade em que vivia. Foi influenciado por este campo (direta e indiretamente) na maneira em que arquitetou a trama e as personagens de OTS. Seu passado como político, que lhe rendeu duas décadas e meia de perseguição, foi determinante na escrita de seu romance.

No período que vai do final da década de 1960 até o início da década de 1970, quando a repressão foi mais forte, a literatura mostrou ao público questões que ainda não haviam sido veiculadas pelos meios de comunicação e que também não eram debatidas dentro do meio acadêmico. OTS revelou explicitamente as “prisões, torturas e mortes” empreendidas em nome

³⁴ Idem, *ibidem*, p. 98.

³⁵ DALCASTAGNÈ, *ibidem*, p. 139.

12

do prefeito. Através do romance-denúncia, Josué exerceu o que pensava ser o papel do intelectual: fornecer à sociedade um pensamento crítico, no caso dele, uma literatura comprometida, engajada, em diálogo permanente com a história do tempo presente.

Conclusões parciais

OTS é um dos romances mais elucidativos do período da ditadura militar, pois extrapola a utilização do regime como mero pano de fundo e constitui-se em uma verdadeira denúncia do autoritarismo. As questões levantadas neste breve estudo pretendem lançar uma reflexão diferenciada sobre uma obra que, apesar de já haver sido explorada por alguns autores, parece inesgotável.

A leitura de OTS deve ser feita, para uma compreensão aprofundada da obra, concomitantemente com o estudo da trajetória político-intelectual de Josué Guimarães, bem como com o seu campo de atuação, montando um quadro de seus pensamento e ação para, assim, compreender os “porquês” e os “comos” da feitura do romance. A pesquisa encontra-se em estágio inicial, portanto, possui inúmeras lacunas, que deverão ser preenchidas ao longo dos dois próximos anos. Desta forma, este espaço também é utilizado para pedir desculpas por eventuais falhas cometidas.

BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *O espaço da dor: o regime de 64 no romance brasileiro*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.
- GONZAGA, Sergius. A vitória do realismo. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (org.). *Josué Guimarães: o autor e sua ficção*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/PUCRS, 1997.
- GUIMARÃES, Josué. *A Ferro e Fogo I (Tempo de Solidão)* 12 ed. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- GUIMARÃES, Josué. *As Muralhas de Jericó. Memórias de viagem: União Soviética e China nos anos 50*. Porto Alegre: IEL/L&PM, 2001.
- GUIMARÃES, Josué. *Os Tambores Silenciosos*. Porto Alegre: L&PM, 1977

INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. *Josué Guimarães: Escrever é um ato de amor*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2006.

LUKASZCZYK, Cláudia. *A representação da ideologia no romance Os Tambores Silenciosos*. Porto Alegre, 2001. Dissertação (Mestrado em Letras), – Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

MORGANTI, Vera Regina. *Confissões do amor e da arte*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

RODRIGUES, Helenice. *Fragmentos da história intelectual: Entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papirus, 2002.

ROSA, Michele Rossoni. *O pensamento de esquerda e a revista Civilização Brasileira (1965-1968)*. Porto Alegre, 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SANTOS, Volnyr Silva. *Discurso e ideologia em Josué Guimarães*. Porto Alegre, 1983. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.